

A caminho das Missões passando por Santiago de Compostela
Etnografia comparada da peregrinação no
Caminho das Missões – RS/Br e a Santiago de Compostela - Es

Ceres Karam Brum

Doutora em Antropologia Social
Universidade Federal de Santa Maria/RS

RESUMO

Numa perspectiva comparada da produção de representações sobre o passado, na atualidade através da atividade de peregrinação a proposta do texto é apresentar algumas reflexões sobre o pacote turístico *Caminho das Missões* no referente às apropriações do passado e seus usos em comparação com o Caminho de Santiago, considerado majoritariamente pelos peregrinos como paradigma de peregrinação. Pretende-se focar, por um lado, a produção e venda de um olhar pela empresa turística, que aproveita o espaço dos Sete Povos e sua história e, por outro, o produto a ser consumido, numa modalidade liminar de turismo cujos participantes se identificam como peregrinos em contraposição ao Caminho de Santiago, caracterizado pela liberdade e gratuidade de participação. A partir da análise das categorias acionadas nas relações entre o passado e o presente - que promove a peregrinação e o turismo - como atividade de comemoração e comunhão com o sagrado a par das relações estabelecidas individualmente pelos participantes - é possível pensar sobre identidades, espaço, memória, imaginário e religião através dos usos privados da história, de seus mitos e suas recepções.

Palavras chave

Peregrinação, turismo

Abstract

The paper aims to present some reflections about the tourist pack Road of Missions in respect of the appropriations of the past and its uses in comparison with the Road Pilgrimage of Santiago that is considered by the pilgrims as a paradigm of pilgrimage. In a contested perspective of the actual production of representations about the past by the activity of pilgrimage, we pretend to focus, from one side, the production and selling of a view, by the tourist company, that relies on the space of the Seven Populations and their history, and, from the other, the product to be consumed in a new form of the tourism, where the tourists assume themselves as pilgrims, in opposition to the Road of Santiago, characterized by the free and gratuity of participation. From the analysis of the added categories used in the relations between the past and the present, that promotes the pilgrimage and the tourism as activities of commemoration and communion with the sacred, together with the relations established by the individual participants, it is possible to think about identities, space, memory, imaginary and religion through the private uses of the history, its myths and receptions.

Keywords

pilgrimage, tourism

Considerações Preliminares

Em abril de 2003, ao fazer um *tour* por Santo Ângelo durante as atividades do pacote turístico Circuito Internacional das Missões, que estava etnografando, como parte dos trabalhos de campo de minha tese de doutorado me deparei com a sede do Caminho das Missões. Surpreendida com a novidade da proposta turística agendei minha caminhada para os dias 10 -17 de maio de 2003¹.

Durante a peregrinação percebi, pelas menções dos demais participantes do grupo, que o Caminho das Missões fazia parte dos muitos caminhos espalhados pelo mundo, cujo mais importante era o Caminho de Santiago de Compostela. Neste sentido, em maio de 2004 percorri a pé os 778 km entre Saint-Jean-Pied-Port (França) e Santiago de Compostela com o intuito de entender as constantes menções efetuadas ao Caminho de Santiago pelos peregrinos das Missões. Constatei uma aproximação dos dois caminhos em termos dos pertencimentos acionados na construção das identidades dos peregrinos e da simbologia utilizada e um certo distanciamento com relação ao turismo, as relações estabelecidas com a história e a estrutura dos mesmos.

Este texto etnográfico é uma interlocução entre ambos os caminhos, baseado na minha participação pessoal em observação participante, quando me tornei peregrina como pressuposto antropológico para entender peregrinações e as relações entre o passado e presente acionadas ao longo dos trajetos por seus participantes. Suas representações me mostraram as peregrinações como relacionadas ao multiculturalismo, ao turismo, a religião e a alteridade no mundo contemporâneo. Numa construção de identidades forjada a partir da passagem em que o território acionado é o espaço percorrido e os lugares de memória são fixados através do imaginário construído pela memória coletiva peregrina que se nutre das histórias dos peregrinos, de lendas e mitos locais, de *sites* e de discursos turísticos, entre outros.

Cada caminho é uma peregrinação ímpar e deve ser pensada a partir de suas peculiaridades e da proposta que encerra, das motivações de seus participantes e do espaço percorrido. Passo a apresentar minhas observações na tentativa de compreender suas especificidades e conjunções, destacando seus aspectos relevantes, num diálogo entre ambos.

Pé na estrada

O Caminho das Missões é definido por seus idealizadores e executores como um roteiro místico/cultural de pesquisa, lazer ou esporte que percorre os trajetos que ligavam as Missões

¹Adquiri o pacote ao preço de R\$ 490,00 que incluía: palestra sobre o passado missionário e Caminho das Missões, camiseta, cajado e cruz missionária, traslado Santo Ângelo/São Nicolau; refeições e hospedagem durante os seis dias e almoço de encerramento em Santo Ângelo.

Jesuíticas². A definição como peregrinação cruzada ao seu caráter comercial me incitou a caracterizá-lo como uma das leituras do passado no presente, calcada na produção de um conjunto de representações com fins turísticos desenvolvida na região das Missões, efetuando uma interpretação de alguns aspectos atribuídos a este passado para oferecê-los aos peregrinos como o projeto Caminho das Missões.

As Missões Jesuítico-Guaranis, conforme a historiografia dominante, correspondem a uma experiência de integração colonial³ dos habitantes originários guaranis e de seus territórios empreendida pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus, a serviço da coroa espanhola na América Platina, durante os séculos XVII e XVIII. A permanência de elementos jesuítico-hispano-guaranis na história da região em concomitância ao velamento das identidades portuguesas é interpretada de diversas formas. Alguns aspectos desta experiência passada são representados por historiadores e pela memória coletiva⁴ como uma “mescla” de elementos jesuíticos-guaranis. É justamente através da recepção e formatação de representações historiográficas e literárias que o Caminho das Missões constrói e comercializa o projeto de peregrinação turística que se desenvolve no espaço de seis dos Sete Povos das Missões:

O encontro de duas culturas diferenciadas: a guarani e a européia deu origem a um novo modo de ser, o **missioneiro** desenvolvido com base em uma rígida organização social e econômica que se destacou no contexto colonial. A originalidade da cultura guarani, alicerçada no solidarismo e reciprocidade encontrou nas inovações técnicas trazidas da Europa, como a escrita, imprensa, metalurgia, arte e arquitetura barroca, as condições ideais para o grande desenvolvimento alcançado. (GUIA DO PEREGRINO p.5).

A concepção do modo missioneiro de ser enquanto peculiaridade da região se constitui no produto comercializado pela empresa turística desde o ano 2000, como forma de fomentar o turismo na região. O aproveitamento desses aspectos, se dá não apenas através de uma apropriação do espaço missioneiro das estradas, dos sítios arqueológicos tombados como patrimônio nacional e mundial da humanidade e demais atrações da região, mas também de uma relação com o seu imaginário mítico-religioso, sua gastronomia, entre outros aspectos que compõem “*um modo missioneiro de ser*” percebidos pela empresa promotora como um conjunto de características identitárias forjadas ao longo do processo histórico da região.

A Peregrinação de 189 Km do Caminho das Missões ocorre periodicamente a partir do fechamento dos grupos de até 15 pessoas e se inicia com a recepção pela empresa promotora em Santo Ângelo seguida da palestra de abertura quando os peregrinos oficialmente se encontram pela primeira vez. A empresa promotora distribui aos participantes o Guia do Peregrino onde

² Guia do Peregrino p.5.

³ Todorov, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 107 e Schallenberg, Erneldo. *A integração do prata no sistema colonial: colonialismo interno e Missões Jesuíticas do Guairá*. Toledo, Ed. Toledo, 1997.

⁴ Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1990 e Robin, Régine. *La mémoire saturée*. Paris: Stock, 2003.

constam informações gerais sobre o trajeto e aspectos da cultura e história da região. Ela possui também um *site* em que assinala o preparo físico e os equipamentos adequados como indispensáveis à peregrinação, o que se confirmou no contato com o grupo ao chegar em Santo Ângelo: pessoas de diversos lugares do Brasil, todos com mais de 40 anos a maioria muito experiente em termos de caminhadas de longas jornadas o que observei pelo equipamento e conversas a respeito de outros caminhos brasileiros e especialmente o de Santiago de Compostela na Espanha – um referente maior para todos eles.⁸

Neste sentido, a participação majoritária do grupo no Caminho das Missões se insere em um contexto mais amplo – o ser peregrino. Este contexto é representado por relações de identidades e pertencimentos de todos e de cada um com o projeto do Caminho das Missões, a partir de uma dialética que os trazia as Missões por diversas razões estreitamente relacionadas ao fato de se perceberem como peregrinos em busca de novos caminhos.

As relações estabelecidas com a região das Missões, e o seu passado, pelo grupo de peregrinos se construiu através desta tensão, que inclui as características do trajeto e o clima; as condições do Caminho em termos de hospedagem, alimentação, o condicionamento físico de cada um, as relações interpessoais entre o grupo e as pessoas da região com que nos deparamos, as atrações oferecidas e a intermediação fornecida pelo Caminho das Missões como responsável por sua realização.

O Caminho de Santiago é uma rota de peregrinação iniciada no século IX ao lugar onde se acredita estarem enterrados os restos de São Tiago. Segundo a tradição, após a dispersão dos apóstolos de Cristo pelo mundo, Tiago foi pregar em regiões distantes, passando algum tempo na Galícia. Ao retornar à Palestina foi preso e decapitado e o seu corpo foi jogado para fora das muralhas de Jerusalém. Seus discípulos Teodoro e Atanásio transportaram de barco seus restos de volta ao ocidente e os enterraram secretamente em *Libredon* - bosque próximo à cidade de Iria Flávia na costa oeste espanhola. O termo Compostela, do latim campo de estrelas, advém da descoberta do local do túmulo oito séculos depois a partir de escavações coordenadas pelo bispo da Iria Flávia Teodomiro, após ter sido avisado pelo ermitão Pelágio que observou durante várias noites a “chuva de estrelas” sobre um ponto do bosque. O local passou a ser considerado como

⁸www.caminhodasmissoes.com.br 13 pessoas participaram dos 7 dias de caminhada: Valderes, Alice e Antonio, Vera e Gustavo de Brasília-DF.; Oswaldo e Maria Luiza de Campinas-SP; Elísio de Belo Horizonte-MG; Vera e Carmem de Santa Maria-RS; João de Canoas-RS; Uma senhora de Caxias-RS que pediu para não ser identificada. Destes 5 já haviam feito o Caminho de Santiago e apenas uma pessoa faria sua primeira caminhada – além de mim naturalmente. Elísio em 10/05/2003 me informou sobre alguns caminhos brasileiros mencionando seus sites para consulta e sobre as associações regionais e nacionais existentes, citando os caminhos: da Fé; do Sol; da Luz; Os Passos de Anchieta; Estrada Real www.caminhodafé.com.br; www.caminhodosol.com.br; www.carangola.com.br; www.abapaorg.com.br; www.estradareal.org.br, a Associação Caminho de Santiago de Compostela www.caminhodesantiago.com.br e a Associação de Peregrinos de Belo Horizonte: www.bhgrino.com.br João, Carmem e Vera mencionaram a existência de um caminho na região da Quarta Colônia próximo a Santa Maria-RS de que participaram no carnaval de 2003. (Diário de campo n° 3).

espaço sagrado pela igreja e as pessoas começaram a se deslocar, originando o Caminho de Santiago.

As peregrinações á Santiago de Compostela atingiram seu ápice entre os séculos XII e XIII. Os peregrinos atravessavam a Europa através de diversos caminhos que conduziam a Compostela, para alcançar suas graças individuais e familiares ou a serviço de nobres que custeavam as peregrinações. A cidade cresceu em torno da igreja dedicada a São Tiago e a devoção se espalhou e popularizou pelo mundo por onde pipocam associações dos amigos de Santiago com o intuito de disponibilizar informações e facilitar intercâmbios entre os peregrinos e o acesso ao caminho.

Na atualidade, embora não haja um ponto de partida definitivo, os andarilhos costumam partir próximos à fronteira francesa (Saint-Jean-Pied-Port, Roncesvalles ou Somport). Cerca de 20.000 pessoas por ano peregrinam pelo norte da Espanha, podendo este número triplicar nos anos Jacobeos⁶. O caminho é organizado e regado a fim de possibilitar a circulação dos peregrinos, que são tratados de forma especial ao serem identificados por sua indumentária, ao cruzarem os tortuosos caminhos que cortam a Espanha de leste a oeste. O peregrino antes de iniciar o trajeto deve providenciar a sua credencial que lhe permitirá o acesso a albergues, pagos ou mantidos pelas doações voluntárias dos peregrinos, e por hospedeiros peregrinos também voluntários. Assim, no Caminho de Santiago é possível pensar duplamente sobre a construção de uma estrutura que incentiva os peregrinos e na liberdade de cada um de construir o seu próprio caminho⁷ em termos de tempo e condições físicas.

É a entrega do símbolo do caminho – a cruz missioneira - e do cajado o que marca ritualmente a entrada no universo peregrino do Caminho das Missões.

- Pessoal, a cruz missioneira ela é feita em cedro que é uma madeira macia ela é feita por um artesão. Nós não comercializamos, cada um ganha a sua. Se perder ou não quiser carregar a sua cruz é uma coisa muito pessoal. A gente entrega ela, ela fica um talismã prá vocês, cada um tem a sua religião e acreditando que Deus está no coração de vocês, desejando a vocês uma boa caminhada e até breve!

⁶ Os anos Jacobeos são os anos santos e foram instituídos em 1221 pelo papa Calixto. Ocorrem quando o dia dedicado a Santiago, 25 de julho (dia em que as relíquias foram achadas por Teodomiro) cai num domingo. Este foi o caso de 2004. Nos anos santos a Porta Santa ou do Perdão da Catedral de Santiago de Compostela permanece aberta. Os dados sobre o fluxo de peregrinos foram encontrados em www.caminhodesantiago.br.

⁷ Parti de Paris de trem na noite de 30/04/2004. Já na Gare d'Auserlitz encontrei com várias pessoas sozinhas, ou em pequenos grupos que me pareceram peregrinos. Muitos vindos da Alemanha como constatei na escala em Bayonne no café da manhã. Tomamos um outro trem que nos conduziu a Saint-Jean-Pied-Port onde me credenciei como peregrina no *Accueil* francês, pagando 2 euros pela mesma.. Iniciei sozinha a travessia dos Pirineus até Roncesvalles, cruzando com vários peregrinos durante o trajeto. Foram os 28 km mais difíceis da minha vida. Frio, chuva, montanhas intermináveis, a solidão e a sensação de ser sugada pela natureza a minha volta. Cheguei em Roncesvalles às 17 horas, após quase 8 horas seguindo as setas amarelas e os traços brancos e vermelhos que sinalizavam o caminho.

O guia do peregrino se refere à cruz missioneira:

A cruz missioneira é o símbolo místico da região. Esta é uma cruz episcopal que teve origem na Idade Média utilizada pelos cristãos nas cruzadas. Também teve grande importância entre os Cavaleiros Templários. Os jesuítas trouxeram para a região a cruz de Caravaca (localidade da Espanha) que acabou tomando características próprias sendo conhecida como cruz missioneira. A população católica personifica nos dois braços a fé redobrada. (GUIA DO PEREGRINO:7)

A produção e recepção da simbologia cristã remetem à religiosidade dos peregrinos. Creio que esta simbolização pode ser pensada em termos de uma dupla apropriação tanto pela agência promotora quanto pelos peregrinos na conformidade de utilização dos símbolos que passaram a portar. Um paralelo com o caminho de Santiago de Compostela, (cujo símbolo é a vieira) por exemplo, remete a questão da difusão da lenda da chegada da barca que conduzia Santiago a Padrón na sua pregação à Galícia. As vieiras são penduradas às mochilas dos peregrinos e se integram a outros símbolos que os identificam.

No tocante às Missões, a cruz de dois braços é regionalmente associada com a história da região e sua utilização como símbolo de evangelização remete a atuação dos próprios jesuítas ensejando uma série de sentidos relacionados à boa atuação do cristianismo. No Caminho das Missões a cruz de dois braços – missioneira – ao representar a fé redobrada do povo, se transforma em símbolo místico protetor dos peregrinos que a aceitam e incluem em sua indumentária.

Durante o Caminho de Santiago em Puente de la Reina conheci alguns peregrinos da região da Múrcia que identificaram a cruz de dois braços de minha camiseta com a cruz de Caravaca. Encontrei a cruz de dois braços esculpida em Torres del Rio no prédio onde funciona um centro de informações, em que foi referida como a cruz dos templários. Juan (peregrino da Múrcia) no caminho entre Najera e Santo Antonio de la Calzada contou-me que Caravaca é percebida além de Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela como um lugar sagrado para os católicos, porque a cruz de dois braços existente possui lascas da cruz de Cristo.

Danièle Hervieu-Léger contempla a peregrinação como uma forma de religiosidade contemporânea, individual, móvel e dinâmica, utópica, cuja prática envolve um leque vasto e liminar de motivações subjetivas em relação ao pertencimento a uma comunidade.⁸ As motivações e sentidos construídos acerca das Missões e percorrer o caminho não são externadas espontaneamente. São pouco objetivadas, múltiplas, construídas e transformadas ao longo da peregrinação. Como também observei no Caminho de Santiago o “ser surpreendido pelo caminho” e a reflexão sobre uma guinada radical, uma decisão a ser tomada pode se constituir em motivação para prosseguir ou iniciar uma peregrinação.

⁸ Hervieu-Léger, Danièle. *Le pèlerin et le converti*. Paris: Champs/Flamarion, 1999, p.99.

Essa pluralidade de motivações se relaciona certamente à configuração e ao reconhecimento de um trajeto como sagrado ou a um espaço tradicional, conduzindo a idéia de passado/história e as relações⁹ de comemoração, de crítica que com ele se estabelecem que, por sua vez, remetem a construção das identidades grupais e a construção de si. Neste sentido, as motivações percebidas no Caminho das Missões se referem ao interesse pela história da região e sua diversidade cultural, como ilustra a fala do peregrino Gustavo durante a palestra oferecida pela empresa turística:

- A Companhia de Jesus sempre teve uma relação conflituosa com o papado. O livro – O papa negro – mostra que a organização do jesuíta é militar. Eu acredito pelo que se lê nos livros de história é de que quando os caras disseram pra eles irem embora daqui eles foram embora mesmo, mesmo que contrariados, obviamente um ou dois ficou e alguém organizou os caras para eles combaterem. Porque também não eram só jesuítas tinham outras pessoas aí. O tratado é uma renegociação do tratado de Tordesilhas (...) No Rio Grande do Sul, além do Tratado de Madrid teve também a ação de nós próprios gaúchos aqui que empurramos as nossas fronteiras mais pra longe, porque ela é completamente irregular e uma fronteira de tratado é uma coisa mais regular ..)(Fita k7 1 A).

A fala demonstra um conhecimento contextual da questão do Tratado de Madrid e da Guerra Guaranítica como decorrência das disputas coloniais entre Portugal e Espanha nas terras americanas. Gustavo menciona ainda a questão da formação das fronteiras no Rio Grande do Sul e se identifica como gaúcho⁹, reconhecendo a atuação do tipo humano na formação do território com a intenção de exaltar sua atuação guerreira como decorrência deste processo histórico colonial. Há a possibilidade de revificação deste passado através da visitação desses vestígios como atividade de “peregrinação”, logicamente relacionada a processos identitários da construção da própria definição do que é ser peregrino e estar nas Missões em contato com o modo de ser missioneiro e sua recepção.

Em sentido similar ao interesse pela história da região e atualização do estereótipo do gaúcho guerreiro, cabe também salientar como parte da motivação para peregrinar nas Missões a curiosidade pelo exótico através de perguntas sobre a permanência dos índios guaranis próximos aos povoados e sobre os costumes gaúchos. Esse interesse/ abertura para conhecer “o outro” aproximam o peregrino das Missões do turista¹⁰, na medida em que o recolhimento e o isolamento da concepção medieval de peregrino em busca de purificação é permeado pela curiosidade de conhecer a região e interagir com ela.

⁹ Habermas, Jürgen. *Écrits Politiques*. Paris: Flammarion/Champs, 1990 p.237.

⁹Gustavo (gaúcho) é Relações Públicas aposentado da Petrobrás e vive em Brasília, casado com Vera (maranhense) que é médica. Ambos ótimos contadores de piadas de gaúcho.

¹⁰ A definição de turismo utilizada é a da OMT (Organização Mundial de Turismo) que enfoca a questão do deslocamento. As reflexões das necessidades, interesses e motivações do turista se relacionam à perspectiva de Pinsky, Jaime e Funari, Pedro Paulo. (orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

Na primeira noite, em São Nicolau fomos convidados a ir até o CTG Primeira Querência. Havia pessoas no grupo em primeira visita Rio Grande do Sul. Perguntavam aos gaúchos sobre os trajes, seus nomes e o lugar ocupado na questão do típico por uma mulher que vestia xiripá – traje masculino. Estas questões, foram pontuadas pelas relações, que cada um de nós, como gaúchos, estabelece com o tradicionalismo e regionalismo no estado e a dimensão adquirida pelo movimento no espaço das Missões em termos da construção imbricada das identidades missioneiras e sua utilização, O CTG (Centro de Tradições Gaúchas) se configura em espaço privilegiado de sociabilidade em cidades pequenas do Rio Grande do Sul e a linguagem utilizada é pontuada por termos regionais. Na visita que fizemos ao sítio arqueológico de São Nicolau este foi mencionado pela guia como “a primeira querência¹¹ do Rio Grande” criada em 1626, correspondendo assim, sua fundação ao primeiro ciclo missioneiro no Rio Grande do Sul¹² e não como do segundo (ocasião da fundação dos Sete Povos das Missões). São Nicolau foi fundado em 1687 – em local diverso, mas muito próximo de sua primeira fundação de 1626. Esta manifestação coloca a questão da diversidade de relações estabelecidas na elaboração das identidades missioneiras e suas implicações. A apropriação efetuada pelo turismo oferecido no Caminho das Missões com relação a São Nicolau advém do fato de o município possuir ruínas missioneiras do segundo ciclo no período de construção dos Sete Povos das Missões.

No certificado de hospede oficial do município, conferido aos peregrinos das Missões, há uma gravura do “Passo do Padre”, designação atribuída ao local onde Roque Gonzáles em 1626 rezou a primeira missa, com os seguintes dizeres: “aqui nasceu o Rio Grande em 03 de maio de 1626”. Não há vestígios arqueológicos que atestem o local da primeira fundação de São Nicolau ou o da primeira missa. O Passo do Padre foi concebido como um espaço de comemoração do passado pela atual administração do município que utiliza essa relação com a primeira querência e constrói um espaço a ser comemorado¹³ a partir da a terra, a região, em si como um lugar de memória das Missões, não havendo em termos da apropriação uma diferença entre os dois ciclos missioneiros para a estruturação de São Nicolau, que percebe e os trabalha em termos de continuidade, inclusive com o momento presente, cuja intenção é construir um imaginário abarcador de diversos momentos, relacionando passado e presente: 1626 fundação; 1687... edificações; 2003 turismo relacionando e aproveitando os dois momentos passados.

Não é o tempo/momento de fundação que está sendo levado em consideração como diacrítico, na construção das identidades missioneiras em São Nicolau, mas o espaço. Há uma proposta de comemoração na forma de sua enunciação, pois São Nicolau é apropriado pelo

¹¹ Segundo Zeno Cardoso Nunes no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993, p. 409. Querência ou querença é “o lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver, e ao qual precisa voltar quando dele afastado; é o local onde habitualmente o gado pasta ou onde foi criado; pátria, pago, torrão, rincão, lar.”

¹² Simon, Mário *Os sete Povos das Missões: trágica experiência*. Santo Ângelo, 1984 p. 16.

¹³ Thiesse, Anne-Marie. *A criação das identidades nacionais*. Lisboa: Temas e Debates, 2000 e Augé, Marc. *Le Temps en Ruines*. Paris, Galilée, 2003.

município em termos de uma linguagem regional. Ao se designar como 1ª querência é percebido não apenas como local de nascimento do Rio Grande do Sul, mas também como lugar originário do gaúcho¹⁴, demonstrando uma circularidade entre o imaginário tradicionalista e o imaginário político (imagem do município veiculada pela guia) através da apropriação de um evento passado e sua memória na construção relacional das identidades missioneiras.

Por seu turno, o projeto turístico Caminho das Missões que se coloca como “de encontro” às necessidades de desenvolvimento do município não aborda as contradições mencionadas em termos históricos, deixando a cargo do próprio município a construção e divulgação da sua visão de história e sua veiculação em termos de ser missioneiro. O turismo se situa neste sentido como oportunizador do contato com a diversidade regional que veicula e explora o modo de ser missioneiro, deixando em aberto sua interpretação¹⁵.

As relações estabelecidas com o típico pelos peregrinos no Caminho das Missões ocorrem a partir de sua abertura para o contato com o diverso, numa tentativa de integração com a situação vivenciada. No Caminho de Santiago esta abertura se dá no mesmo sentido, baseada na lógica de passagem que permite o rápido contato com o diverso. A diversidade e a construção do típico se dão em um contexto da unidade nacional espanhola no espaço de regiões com características culturais muito bem sinalizadas como o caso do País Basco e da Galícia que possuem línguas próprias, faladas e escritas, consideradas também como idiomas oficiais, além do espanhol.

Ao passar por estas regiões é impossível deixar de notar as relações entre o nacional e o regional que podem também ser percebidas na arte da sinalização em diferentes formas de representar a vieira, nas comidas e vinhos do menu peregrino.¹⁶ O Caminho de Santiago é uma experiência de múltiplos contatos e interfaces entre peregrinos de diversas partes do mundo – com um grande destaque para a participação de brasileiros - num cenário a um só tempo global, nacional, regional, multicultural, moderno e tradicional. Isto porque as identidades acionadas são múltiplas e relacionais. Os espanhóis, por exemplo, se identificam duplamente a partir do pertencimento a nação e as regiões da Espanha de onde vêm; os demais peregrinos se identificam em relação a seus países. Porém há casos como os *quebecoises* em que a identificação é

¹⁴ Os versos do poeta regionalista Jaime Caetano Braun ilustram o imaginário tradicionalista mencionado: “Nem se fundava o Rio Grande/Nem o lendário Viamão,/O pago era céu e chão,Coxilha várzea e perau,/E o Uruguai dera vau numa apoteose bravia/ E o gaúcho antenascia no velho São Nicolau”

¹⁵ O chimarrão é citado pelo Guia do Peregrino como um dos costumes legados pela cultura guarani-missioneira, com a recomendação que segue:“- se você aceitar tomar um chimarrão, representação da comunhão e solidariedade gaúcha, saiba que a tradição manda que o líquido seja sorvido até se ouvir o ronco típico da cuia vazia”. (Guia do Peregrino p. 6). No entanto, várias vezes presenciei os habitantes locais já resignados receberem as cuias quase cheias de peregrinos que apenas queriam provar o chimarrão.

¹⁶ Os vinhos da Galícia são brancos (Ribeiro e Albarino) e podem ser degustados com *pulpo* (polvos) e pão como em Melide famosa pela Pulperia Ezequiel. Em Astorga comemos o *cosido maragato* e em Santo Antonio de la Calzada *aborcaditos* – um doce em forma de vieira cujo nome remete a lenda de um peregrino enforcado que ressuscitou .

assinalada pelo pertencimento a Quebec e não ao Canadá¹⁷. Em Pamplona Lucy de Quebec falou sobre o Caminho de Santiago:

- Prendre le temps de reflexir, faire le pèlerinage, voyager et vivre le pays. Le plaisir de partager le multiculturalisme et c'est pas comme le tourisme. Ça permetre mieux de connaitre l'Espagne. (Diario de Campo).¹⁸

A relação com a diversidade se dá também a partir dos prestadores de serviços ao longo do Caminho de Santiago, numa clara tentativa de oferecer aos peregrinos um espaço exótico e familiar de comercialização¹⁹ de hospedagem, alimentação e *souvenirs*. Coincidentemente ou não durante o Caminho de Santiago encontrei muitos brasileiros de diversas partes do país que faziam o percorrendo a pé ou de bicicleta, ora portando bandeiras ou vestindo verde e amarelo. Também me deparei com inúmeras referências ao Brasil pelos peregrinos e a pergunta: - Conoces Paulo Coelho?

Para espanhóis e não espanhóis o Brasil é acionado no Caminho como o exótico por excelência e os estereótipos da alegria, da música, do futebol foram fartamente referidos e vividos por peregrinos e não peregrinos por onde passei. O Brasil em parte por causa de Paulo Coelho que popularizou mundialmente o Caminho de Santiago - como o livro *Diário de um Mago* – e em grande parte pelo grande afluxo de peregrinos brasileiros²⁰ que o percorrem é homenageado e referendado, numa intencionalidade comercial de *bricolage* entre o exótico do outro (brasileiro) e a produção do típico na Espanha.

Na fricção entre as identidades mostradas e os pertencimentos acionados os peregrinos se constroem pessoalmente e enquanto grupo através do caminhar por sua passagem e do estabelecimento de relações com o local, não em identificação com o mesmo, mas com uma perspectiva de alteridade com os demais peregrinos através do estabelecimento de relações solidárias expressas nos auxílios mútuos, nos medicamentos e refeições partilhadas, sem aparentemente esperar o contra-dom²¹, estando a dádiva circunscrita ao doar como forma de se construir como pessoa através da liberalidade e do despojamento simbolizado nas peregrinações.

¹⁷Tal fato demonstra que o conceito de nação - comunidade de sentimento – pode ser relativo também ao regional. Weber, Max. *A nação* In Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

¹⁸ Usar o tempo para refletir, fazer a peregrinação, viajar e viver o país. O prazer de partilhar o multiculturalismo e não é como o turismo. Isto permite melhor conhecer a Espanha.

¹⁹ Em Castrojeriz Alberto (peregrino de Campinas-SP) e eu nos deparamos com o *Consulado do Brasil*. Um restaurante/pousada decorado com motivos brasileiros de propriedade de Tonho e Maria de Jesus. O casal de espanhóis já esteve várias vezes no Brasil: “uno espacio dedicado a Brasil” como mencionaram. Nas paredes havia fotos de Paulo Coelho e música brasileira de vários tipos. Em Boadilla del Camino a 26 km de Castrojeriz fui surpreendida pela música gaúcha. Ao conversar com Dudu, um dos responsáveis pelo albergue me conou que havia comprado o cd dos Garotos de Ouro em sua última viagem a Porto Alegre-RS.

²⁰ Em 1995 foi criada em São Paulo a Associação Confrades Amigos do Caminho de Santiago de Compostela – BR (primeira do gênero na América Latina que encaminhou já em 1995 á Espanha 1370 peregrinos

²¹ Mauss, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas e A Noção de pessoa*. In Sociologia e Antropologia: São Paulo, EDUSP,1974. Vol.s 1 e 2.

Mochilas nas costas, cajados na mão, cruz missioneira no pescoço, bonés e óculos para proteger do sol numa bela manhã de maio. Tênis ou botina nos pés, meias especiais e conversas durante o trajeto sobre os equipamentos¹⁰ mais adequados. Suportar e conviver com a dor, o calor, a terra, o peso da mochila. Comecei a perceber ao longo daqueles sete dias no Caminho das Missões que isso era o que importava para os peregrinos. Vencer o caminho, passo a passo sorvendo os odores, enfrentado o vento, as pedras e tentando se adaptar a elas se equilibrando na mochila, ou de mãos dadas com quem apenas ontem conhecemos, mas que pelo caminho trilhado conjuntamente e pelas experiências compartilhadas parece tão próximo. O caminhar e o ser peregrino podem ser pensados em suas liminaridades²² como “um distante próximo”.

Porque o caminhar é permeado pela ocupação do espaço e da distância. O próprio caminho a ser percorrido que a cada passo é vencido. O distante próximo é também uma constante na relação estabelecida entre os companheiros de caminhada, pois esse tipo de atividade é concebido e representado num ambiente em que a maior parte das coisas é obrigatoriamente compartilhada. O caminhar para os peregrinos é também a forma escolhida para se auto-conhecer e se identificar, simbolizando uma busca através da situação de extrema simplicidade e desprendimento, no contato com pessoas desconhecidas. Oswaldo me relatou durante o Caminho das Missões:

- Bem, ah, o Caminho foi, era um sonho que eu tinha de percorrer e era um sonho também percorrê-lo com a minha mochila e a mochila representa o símbolo, qual seja: tudo o que eu trago está nela. Então é um sinônimo de despojamento: aquilo que eu não posso carregar eu não posso levar então não é imprescindível. (FITA K7 2 A)

A mochila é percebida por ele como o símbolo do despojamento, da essencialidade do que não pode faltar, todo o resto é descartável não se constituindo em estritamente necessário. O peregrino se reconhece e identifica como alguém capaz de viver com muito pouco durante as peregrinações e um dos objetivos é superar os próprios limites físicos e se perceber sem os invólucros, as correntes de ouro da vida diária. Sendo capaz de conviver consigo mesmo e com os outros sem falsas aparências. Para Vera Theresinha:

- Bom todo o caminho ele é muito importante porque faz a gente refletir sobre o próprio caminho da vida de cada um, então é o momento que a gente tem pra fazer esta reflexão, reavaliar a própria vida, as experiências e trabalhar um aspecto muito difícil no ser humano que é o desapego, porque permanecendo tantos dias juntos nós exercitamos o apego que é o laço que une as pessoas e nós devemos exercitar o mais difícil que é o momento da separação que é o exercício do desapego. E

¹⁰ Oswaldo e Maria Luíza de Campinas que usavam botinas Reebok Tundra Rike me informaram a respeito do preço de alguns equipamentos: R\$ 94, 00 a botina acima, enquanto a Salomon, mais resistente, custa em torno de R\$ 300,00. As meias especiais R\$ 45,00. Uma boa mochila – que deve ter peiteira e barrigueira para distribuir o peso – custa em torno de R\$ 400,00.

²² Turner, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974. As liminaridades se relacionam à tentativa de definição das identidades peregrinas no tocante a sua aproximação com o turismo p. 117. Liminaridade como exame de valores e relação entre o estado religioso e semi-religioso p.202 e da peregrinação como processo ritual de reversão de status p.228.

as pessoas são bem mais felizes, mais saudáveis mentalmente e espiritualmente quando as pessoas exercitam e vivenciam o amor, a solidariedade, a tolerância, o respeito, a alegria e ao mesmo tempo saber se separar. (FITA K7 2 A)

O despojamento e o desapego não são obrigatoriamente características pessoais de cada um, mas um aspecto circunstancial da peregrinação e de indivíduos que se propõem através da mesma de se distanciar do seu mundo a que depois retornam. Para Antonio:

- A proposta turística é um lado da história, qualquer caminho tem a função de abstrair a pessoa do sistema, a pessoa sair um pouco do sistema de trabalhar, produzir, consumir e enfrentar desafios, todo mundo precisa ter desafios e aceitar esse desafio próprio é importante né. As pessoas hoje se atiram a natureza com esportes radicais e contato com a natureza e o caminho é uma das formas principalmente para as pessoas de uma certa idade que não vão se pendurar em *rapel*, não vão digo assim, nós não vamos pular de pára-queda, enfim eu acho isso muito bom pra gente sair do sistema, arejar a cabeça então é importante (FITA K7 1B)

A peregrinação é representada como uma atividade que ocorre em um mundo dominado pela ideologia individualista em oposição às sociedades holistas tradicionais em que o indivíduo não é percebido como valor primordial.²³ Louis Dumond relaciona a gênese do individualismo com surgimento do cristianismo como religião, pontuada por uma passagem do indivíduo fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo. No Caminho das Missões e no Caminho de Santiago percebi que os indivíduos se reconhecem enquanto valores primordiais. Reconhecem-se como componentes de uma sociedade individualista em que a *communitas*²⁴ buscada de existência e êxtase para uma possível negação desse individualismo se subscreve, por exemplo, a compra do pacote no Caminho das Missões, numa lógica capitalista do estabelecimento da relação homem/coisa e aos preparativos e medidas necessárias que conduzem a Santiago de Compostela.

A experiência da projeção de uma vida simples e um certo retorno a uma busca de reforço das relações interpessoais, buscando despojamento se dá neste contexto. No entanto, a ideologia individualista que se constitui em cenário mesmo dessas relações não ilide a possibilidade da construção de relações interpessoais menos permeadas pela coisificação, pois o contato propicia a união entre os peregrinos, com Deus ou consigo mesmo. Este é um contraste importante, pela pretensa ruptura que se propõe – uma construção de representação da oxigenação das relações modernas entre homem e coisa como proposta da peregrinação.

A relação com as coisas é simbolizada e vivida diversamente pelos peregrinos. A mochila ao se constituir em representação material das necessidades básicas do peregrino implicaria no estreitamento dos laços com a mesma obrigando este a carregá-la sempre durante o trajeto como a síntese de seus pertences e de si mesmo. No entanto, durante o Caminho das Missões e mesmo

²³ Dumond, Louis em *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. p.50.

²⁴ Turner, Victor. Op. cit., p. 169.

no Caminho de Santiago observei algumas pessoas pagarem para ter suas mochilas transportadas, do que concluo que a relação com a mesma no caminhar é vivida e representada de várias formas pelos peregrinos. A mochila pode ser percebida, neste sentido, como um acessório ou como um fardo. Durante o Caminho de Santiago de Compostela, uma peregrina comentou ao ver pessoas sem suas mochilas durante o difícil trajeto entre O Cebreiro e Samos: “a minha cruz eu mesma carrego.”

Neste sentido, a peregrinação é também simbolizada ora como um espaço de sofrimento ora como um espaço de prazer: - le pèlerinage c'est pas le calvarie²⁵. As representações, no entanto, se relacionam a experiências de religiosidade vivenciadas e propiciadas nas peregrinações. As visitas às ruínas missioneiras, as igrejas e mosteiros na Espanha a par de albergues reconstruídos, buscando nuances medievais permeados pelos discursos da autenticidade se constituem em passaportes para efetuar a relação entre o passado e o presente ao se constituírem em lugares de memória.²⁶

Nas Missões os discursos são mostrados como memória coletiva missioneira, cujo caráter principal veiculado é a mensagem cristã do vivido por índios e jesuítas e sua continuação através da peregrinação. No Caminho de Santiago isso se dá através do apelo e reforço a fé no apóstolo e na Igreja como instituição propiciadora do vínculo nestes espaços e na venda de artigos relacionados.

As relações estabelecidas com o passado missioneiro no Caminho das Missões se referem às imagens construídas pela empresa turística, as concepções dos habitantes da região e aos próprios peregrinos numa dialética entre o imaginário construído e a eficácia ideológica do mito das Missões como civilização jesuítica animada pelos guaranis²⁷. Sobre a arte e o barroco missioneiro os peregrinos Elísio e Gustavo afirmaram:

- O guarani mostrou uma coisa interessante que sempre se falou que se foi obrigado a buscar o negro na arte porque o índio brasileiro não aceitava o trabalho, indolente e tal e por outro lado o guarani mostrou que ele era marceneiro, metalúrgico, construtor civil e que além disso ele desenvolveu o que já existia de cultura lá de música poesia que eles tinham sofreu uma adaptação dos jesuítas, em vez de cantar lá para o pajé eles estavam cantando música de igreja pra Deus, pronto. Tocavam harpa, piano, mas na verdade se não tiver um dom musical não vai aprender. Até porque os negros não aprenderam.

- A diferença que tem entre o barroco missioneiro e o barroco mineiro é que o barroco mineiro leva as feições negróides, o missioneiro leva as feições indígenas. Na verdade, é eu não sei se houve uma descaracterização da cultura guarani ou se os guaranis evoluíram porque a evolução implica em abandonar algumas coisas em prol de outras melhores e o que nós vimos aqui foi uma

²⁵ A peregrinação não é um calvário. Manifestação de Jacqueline em Tossantos ao tomarmos um ônibus para Burgos no Caminho de Santiago de Compostela em 10/05/2004.

²⁶ Augé, Marc. *Un ethnologue dans le métro*. Paris: Pluriel, 1985.

²⁷ No museu de São Luiz Gonzaga a guia nos apresentou uma interpretação: -O índio era um artista mesmo. Ele não sabia criar, mas copiava muito bem. (...) As Missões foram destruídas por causa da Guerra Guaranítica, do Tratado de Madrid Os próprios índios queimaram. Se eu não posso ficar contigo, te mato. (Diário de Campo nº 3).

evolução fantástica, não é. Eu acho que pra eles foi uma coisa ótima no sentido de melhorar a longevidade, melhorar a qualidade de vida deles, diferentemente do yanomames e outros. Atualmente o contato deles com o branco é uma coisa mortal. Em compensação esses daqui não, eles evoluíram como pessoas conseguiram assimilar a arte construtiva de pintura melhorando a cultura deles, agora. Veja lá o que aconteceu com os *yanomames* e os outros, estão morrendo. (FITA K 7 1B)

As falas expressam a recepção da arte missioneira pelos peregrinos destacando a expressividade guarani no seu modo de vida originário e a manutenção da mesma nas Missões, cuja transição significou a possibilidade da manutenção da arte, como um 'dom' que os jesuítas souberam explorar, passando a se manifestar em outros cânones. A significação de cantar para o pajé e passar a cantar para Deus (Elísio) não é representada como descaracterizadora ou preocupante. No seu entendimento essa transição ocorre de forma pacífica, celebrando a vitória da civilização jesuítica operada junto aos guaranis, conduzindo a evolução (Gustavo). Os parâmetros para a análise são negros e índios artistas anônimos dos barrocos missioneiro e mineiro em oposição, enquanto sujeitos criadores detentores de habilidades naturais de que a cultura imposta apenas aprimorou. A visão de arte missioneira, desses peregrinos, está mais preocupada em compreender as Missões do que a descaracterização do universo guarani. Contrariamente à de João que a questiona, demonstrando a relação de contestação á comemoração veiculada pelo Caminho das Missões e partilhada por parte dos peregrinos, efetuando uma crítica ao processo de transição a que foram submetidos os guaranis nas Missões e a visão comunitária da sociedade missioneira:

- Eu acho que existe uma tendência de muitas vezes os livros passarem pra ti uma história bonita então a gente imagina que ali foi construída uma cidadela, onde viviam os índios em comunidade, mas não se fala muito do sofrimento que os índios passaram aqui, da própria construção. Se eles não chegaram, por exemplo, a serem escravizados, no sentido de eles serem os construtores daquelas casas daquela igreja. Então imagina quantos não devem ter morrido, sofrido durante todo esse processo. Muito mais se esse processo de evangelização que estava sendo passado pra eles, isso não é colocado assim ah eles estavam lá evangelizando índios como uma coisa muito boa, mas será que isto realmente era preciso? (FITA K7 2 A).

No Caminho de Santiago a relação com o passado não fica tão evidenciada porque o mesmo não é integrado expressamente, como no Caminho das Missões em que há uma comercialização que enfoca os atrativos da região. A questão do turismo não é vivenciada em grupos fechados, mas isoladamente a partir das motivações individuais dos peregrinos. Porém, em ambas as peregrinações observei uma aproximação prática entre o turismo e a peregrinação, mas representações em sentido contrário, como as de Elísio nas Missões:

- As pessoas pensam que peregrino faz voto de pobreza, mas isto não é verdade, pois os peregrinos gostam de conforto em suas paradas. Os peregrinos não são turistas, mas incentivam o turismo que passa a se desenvolver em torno da atividade de peregrinação, como em Santiago de Compostela." (diário de campo 3).

Esta manifestação de desconformidade conduz a reflexão sobre o tipo de turismo *missioneiro* oferecido pelo Caminho das Missões, em contraste com uma negativa por parte dos peregrinos de se representarem e reconhecerem como turistas, mas que apresentam exigências de turistas²⁸. Marc Augé²⁹ se refere às diferenças e a conjunção de interesses entre os turistas e os peregrinos, ao analisar as visitas ao Mont Saint-Michel na França, ao mencioná-lo como um lugar representado como santo, em que apesar das diferenças há uma comunhão de interesses compondo o cenário de visita. Se para o autor há uma interação entre turistas e peregrinos, no Caminho das Missões observei uma conjunção dos interesses de ambos, cuja identificação varia de acordo com a situação de movimento ou estática em que se encontram: como peregrinos. Ao andar, jamais se queixam de dores ou das dificuldades do trajeto, mas reclamam das condições dos locais de parada.

Muitos turistas peregrinos que conheci no Caminho das Missões têm como referência de suas necessidades a estrutura que conheceram no Caminho de Santiago de Compostela e a que inúmeras vezes se referiram, mencionando os albergues em que pernoitavam, onde havia: “de tudo abandonado pelos peregrinos que lá passavam, a fim de que pudesse ser aproveitado por outros, da hospitalidade e camaradagem e do *menu peregrino*”.³⁰

Há uma nítida mitificação em torno do Caminho de Santiago representado e vivido como paradigma de peregrinação, na construção das identidades peregrinas acionadas. Um verdadeiro peregrino, neste sentido, deve percorrê-lo ao menos uma vez, e conquistar a *Compostelana* - certificado escrito em latim concedido ao peregrino que fizer trajeto superior a 100 km para chegar a Santiago de Compostela. O Caminho das Missões, enquanto proposta turística de peregrinação incorpora e explora o Caminho de Santiago como referente na sua montagem:

- Nós tomamos como ponto fundador o Caminho de Santiago de Compostela, mas é claro gente nós trabalhamos os aspectos históricos, místicos, culturais pra fundamentação do nosso projeto até porque existem diferenças muito grandes, até porque esta foi a maneira que nós adaptamos e ainda estamos construindo o Caminho das Missões. (FITA K7 1 A)

As Missões são trabalhadas em termos de suas atrações que expressam o modo de ser missioneiro e a estrutura ao contrário do Caminho de Santiago em que: “- peregrino não paga para caminhar”. O Caminho das Missões é oferecido como pacote, não havendo alternativas em termos

²⁸ São Miguel das Missões ilustra essa situação da “identificação” do peregrino com o turista. Lá fomos encaminhados a uma pousada com toalhas, roupas de cama e alojamentos separados para homens e mulheres, além de os casais do grupo, poderem ocupar quartos separados. As diferentes relações estabelecidas pelos peregrinos com a estrutura turística oferecida pelo Caminho das Missões, em suas necessidades, reclamações e elogios me autorizam a caracterizá-los como turistas. Em discordância as colocações acima mencionadas de não se reconhecerem como tal, pois há a representação da dependência da infra-estrutura oferecida pelo pacote embora todos trouxessem sacos de dormir e suas pequenas toalhas/fraldas nas mochilas.

²⁹ Augé, Marc. *El viaje imposible*. Madrid: ed. Gedisa, 1997, p. 66.

³⁰ O menu peregrino comercializado no Caminho de Santiago entre 6 e 10 euros é uma refeição farta que inclui entrada, prato principal, sobremesa, vinho da região e água.

de escolhas e privacidade na maior parte dos lugares por onde passamos. O caminho das Missões (rota concebida) é a razão de ser do Caminho das Missões como agência turística, deixando de existir se a agência não o oferecer o que ocasiona uma ausência de autonomia ao peregrino e ao próprio caminho literalmente produzido como turismo pela agência.

Por outro lado, apesar de não se identificarem como turistas, observei representações por parte dos peregrinos de que nas ruínas missionárias se deve fomentar o turismo como única forma de torná-las atrativas e que devem se prestar ao desenvolvimento da região. Suas alusões salientam que as mesmas não “falam” por si só, enquanto espaços/ lugares de memória missionária. Seus espaços devem ser reconcebidos e devem ser mediados, como condição de entendimento das mesmas por um trabalho pedagógico que as apresente. Esta seria uma das condições para a manutenção do vínculo entre o passado e o presente segundo os mesmos. Para Antonio:

- Queria falar ainda da falta de cuidado, a gente fica imaginando um dia em que aquelas igrejas pudessem ser reconstruídas e que aquela área da praça pudesse servir de albergue, para que as pessoas pudessem viver a história e ao mesmo tempo servir de acomodação. Uma coisa integrada das pessoas estarem vivendo a história e ajudando a sua reconstrução. (FITA K7 1B).

A sua fala demonstra as possíveis relações estabelecidas, enquanto turista-peregrino de conceber as ruínas missionárias no presente, tendo como referente o passado. Há um desejo de cuidar e reviver a experiência missionária através da reconstrução de alguns de seus espaços como forma de ligação com o presente, numa etapa diversa do contato propiciado neste momento pelo turismo peregrino. Seu imaginário contempla a possibilidade de integrar os dois momentos e se transportar de uma forma mais real através da reconstituição do espaço reducional. Por enquanto, o próprio fato de ter estado nas Missões no presente enquanto turista-peregrino já propicia este retorno ao passado³¹.

No entanto, a dimensão que a experiência de peregrinação adquire, para cada um dos peregrinos não pode ser generalizada. Pois se de uma maneira há uma tendência de comemoração do passado, enquanto ênfase de religiosidade, tal perspectiva não impede outros tipos de relações com o mesmo. As críticas e a necessidade de um “acerto de contas” com a questão indígena na atualidade mencionadas no Caminho das Missões são exemplos disso. A experiência de peregrinação é, sobretudo, um espaço individuado de crescimento pessoal vivido e representado por todos os peregrinos.

Considerações Finais

³¹ Provavelmente o referencial de Antonio para propor a reconstrução de São Miguel tenha sido a atmosfera de alguns albergues do Caminho de Santiago situados em espaços seculares como o do no convento de Carrion de los Condes, que possibilitam o retorno ao passado através de uma experiência individual.

No sétimo dia de peregrinação no Caminho das Missões trilhamos os 16km finais³² que nos conduziram a Santo Ângelo e entramos na cidade através de uma pequena rua, mencionado como um antigo caminho jesuítico que nos levou a Catedral Angelopolitana. Os sinos dobraram para saldar nossa chegada e o padre nos recebeu com Marta (uma das donas da empresa) nas escadas da igreja ressaltando em um pequeno sermão o significado do caminhar e da experiência missioneira. Cansados e emocionados escutamos com atenção e nos abraçamos saudando o final daquele percurso, o privilégio de termos nos conhecido; o fato de estarmos nas Missões sob a cruz de dois braços que nos abençoava do alto da catedral. Este foi o final comovente e ritualizado do Caminho das Missões para cada um dos peregrinos que dele participou.

Era um momento de celebração que se seguiu até após o almoço quando nos separamos. Uma profunda celebração do ter sido Peregrino das Missões, perceptível nas suas fisionomias emocionadas. Da minha parte uma celebração pelo aprendizado de tentar entendê-los no seu percurso pelas Missões e nas relações que estabeleceram com a região e o seu passado. Nossas vidas retomariam seus rumos enriquecidos por aquela semana de peregrinação. Cada um de nós retornava agora ao seu mundo cotidiano, mas ao contrário de uma ruptura é possível pensar em sua reorganização e fortalecimento³³ representados nas percepções de João e Oswaldo pela continuidade e pela riqueza de cada caminho:

- Não só este caminho como todos os outros que eu já fiz eu acho que eles têm assim muita importância tanto pelo lado físico que é o próprio caminhar que é uma coisa que faz bem pra saúde, que ativa a tua a coisa toda e também no lado espiritual, no sentido de uma busca de uma paz interior de renovação durante o caminho e, além disso, eu acho que é um momento para se fazer novos amigos e além disso, como foi o caso de duas pessoas neste grupo que eu já havia feito caminhadas antes e fazia um bom tempo que eu não via. Uma bela oportunidade para esse reencontro, porque os caminhos são feitos assim, os caminhos são feitos de encontros e eu acho que a coisa melhor do caminho são os reencontros. (FITA K7 2 A).

- Sim, eu me senti energizado tal qual no Caminho de Santiago ao saber que 300 anos atrás, houve lutas, conquistas, mas principalmente saber que os jesuítas conseguiram fazer índios, bugres, estranhos, ignorantes trabalharem, moldarem, construir. Isso é o inusitado.(...) Foi uma emoção muito grande e diferente. E isso eu pretendo divulgar, isso eu escrevo.(...). Ao entender a saga do povo guarani e o que eles construíram com tão poucos recursos num local tão longe do mar onde aportaram. Isso emocionou muito e eu acho que tem que ser preservado, estudado, pesquisado e tem que ser divulgado. É uma coisa maravilhosa que eu não tinha conhecimento que pudesse encontrar aqui. (FITA K 7 2 A).

As falas expressam uma solução de continuidade e o significado que cada caminho adquire na vida dos peregrinos. Como se os caminhos e os reencontros fossem interrompidos pelo

³² Cheguei a Santiago de Compostela no final da tarde do dia 25/05/2004 acompanhada de Alberto. No dia seguinte fomos buscar nossas Compostelanas e assistimos a missa na catedral em que o padre mencionou o número de peregrinos de cada país e nos abençoou com o incenso do *botafumero*. Como reza a tradição abracei Santiago e entrei na catedral pela porta do perdão. Retornei a Paris de trem no dia 28 de maio de 2004.

³³ Nascimento, Silvana. *A romaria do Divino Pai Eterno*. Dissertação de mestrado em Antropologia USP, 2000.

quotidiano de cada um, numa representação de inversão em que a pausa é dada pelo não caminhar e em que o caminho passa também a ser vivido pelas marcas que deixa, pelas lembranças e pelos laços que produz. O estar no espaço dos vestígios é representado como marca de religiosidade legada das Missões, provocando em Oswaldo a sensação de energização, analogamente ao espaço percorrido no Caminho de Santiago também concebido como sagrado.

O caminho, para ele não termina com a conclusão do trajeto. Ele se estende como um compromisso de divulgação das experiências que vivenciou enquanto peregrino através de seus escritos,¹⁵ o que conduz a criação de uma rede entre os mesmos que vai além dos encontros propiciados nos caminhos e dos congressos de peregrinos estendendo-se ao seu cotidiano através da internet e prolongando o convívio anteriormente iniciado. Esta é uma das facetas do ser peregrino que deve também ser considerada na busca de compreensão de suas identidades em construção, pois demonstra que os peregrinos se identificam, reconhecem e mantêm seus laços para além do espaço dos caminhos, através das trocas de impressões e percepções.

Assim, a história mostrada no caminho se mescla a história de vida de cada peregrino sendo por ele ressignificada. As visões do passado das Missões se somam a visão de outros passados acionados através de outros caminhos na construção do peregrino enquanto pessoa, de sua energização, de seu auto-conhecimento e das peregrinações enquanto atividade de múltiplos contatos em que a relação preponderante percebida com o passado no presente é o produto das interações individuais que conduzem ao reforço das identidades dos peregrinos enquanto grupo, impulsionado, por exemplo, pelo *missioneiro* como atrativo explorado pelo Caminho das Missões, na dialética com o seu referente por excelência - o Caminho de Santiago.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Un ethnologue dans le métro*. Paris: Pluriel, 1985.
_____. *El viaje imposible*. Madrid: ed. Gedisa, 1997.
_____. *Le Temps en Ruines*. Paris, Galilée, 2003.
DUMOND, Louis em *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
HABERMAS, Jürgen. *Écrits Politiques*. Paris: Flamarion/Champs, 1990 p.237.
HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1990.
MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas e A Noção de pessoa*. In *Sociologia e Antropologia*: São Paulo, EDUSP, 1974. Vol.s 1 e 2.
NASCIMENTO, Silvana. *A romaria do Divino Pai Eterno*. Dissertação de mestrado em Antropologia USP, 2000.
NUNES, Zeno Cardoso *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

¹⁵ Cerca de 45 dias após retornar do Caminho das Missões recebi um e-mail de Oswaldo, convidando para percorrê-lo novamente, desta vez através da visita ao site www.caminhodesantiago.com.br onde encontrei, além de inúmeros outros escritos seus e demais peregrinos um relato minucioso denominado *Caminho das Missões em 7 etapas*. Após retornar do Caminho de Santiago recebi e troquei e-mails emocionados com Jacqueline, Maricarmen e Alberto, prolongando também esta peregrinação.

- ROBIN, Régine. *La mémoire saturée*. Paris: Stock, 2003.
SCHALLENBERGER, Erneldo. *A integração do prata no sistema colonial: colonialismo interno e Missões Jesuíticas do Guairá*. Toledo, Ed. Toledo, 1997.
SIMON, Mário *Os sete Povos das Missões: trágica experiência*. Santo Ângelo, 1984.
THIESSE, Anne-Marie. *A criação das identidades nacionais*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.
TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Sites citados

www.caminhodasmissoes.com.br
www.caminhodafé.com.br;
www.caminhodosol.com.br;
www.carangola.com.br;
www.abapaorg.com.br; www.estradareal.org.br
www.caminhodesantiago.com.br
www.bhgrino.com.br